

## Sinthoma - bricolagem e iteração

### O chão da clínica VIII♦

(Seminário Clínico EBP-Rio 2025)

Marcus André Vieira

O sintoma, no primeiro tempo da descoberta freudiana, é uma *formação de compromisso*. Na dualidade consciente/inconsciente, enquanto a cadeia consciente está enunciando alguma coisa a cadeia inconsciente está enunciando outra. O sintoma, nesta perspectiva, se estruturaria no conflito, como uma negociação, realizada pela censura, entre duas partes: um contra o outro, consciente contra inconsciente.

Trata-se de uma esquematização, que Lacan abraçou, relendo-a, no entanto, como cadeias significantes reduzidas a dois andares: a consciente e a inconsciente. Freud já afirmava como, no inconsciente, não estamos tratando de apenas uma cadeia, ela é reconstituída como uma, a do pensamento latente, mas são muitas cadeias de desejos em questão. É uma *sobredeterminação*.

Freud compara o *umbigo do sonho* e as redes associativas que levam a ele a um cogumelo em seu micélio. Lacan retoma essa imagem que sugere um emaranhado e seu centro para dizer como o sintoma é feito de significantes do Outro mais um ponto cego, um umbigo, constituindo, assim, um *nó*<sup>1</sup>.

O que permitiria desatar esse nó do sintoma seria o fato de que as cadeias inconscientes podem assumir a forma de uma mensagem cifrada. Seria possível, assim, ler o desejo inconsciente. Ao lê-lo, a configuração do sintoma se desmontaria – obtendo, com isso, a possibilidade de uma descarga tornando a libido associada à representação recalçada disponível - e aquela parcela de perturbação cessaria. Contudo, o que aparece é que esse desmonte não se faz por inteiro: a formação se desfaz apenas em parte, pois, uma vez lido, outro sintoma se forma - e depois outro, e outro em uma infinitização do trabalho.

Diante desse incessante movimento de atar e desatar o nó, vemos como, no núcleo do sintoma, há algo mais do que apenas mensagem cifrada. Há alguma coisa que insiste. Lacan, no *Seminário 10*, aponta como a fração de libido não é apenas secundária ao significante, mas forma um núcleo de gozo que não se

---

♦ Texto base para oitavo encontro do Seminário Clínico da EBP-Rio, dia 08/02/2025. Montagem a partir da transcrição e das notas do autor por Juliana Villa-Forte. Versão final do autor.

resolve, não se descarrega e que, portanto, se pudesse ser acessado em si, se revelaria sem sentido. Por isso, não pode ser lido - mas apenas retornar novamente associado aos significantes de uma cena repetitiva.

Em nossos encontros, discutimos algumas maneiras de lidar com esse gozo.

A primeira: como *objeto a*, objeto resto que retorna sempre no mesmo lugar. O trabalho de uma análise com essa cena fantasmática que se repete é permitir sua reconstituição, o que torna possível perceber suas falhas e aberturas, pois nem todo gozo do corpo será condensado como esse objeto êxtimo. O final da análise passa, então, por descrever até certo ponto da fantasia, não levá-la tão a sério.

Depois, trabalhamos a ideia de que esse gozo não precisa ser tomado, necessariamente, como um objeto em cena; pode ser apenas uma insistência, apenas um gozo que se atualiza sem lugar ou forma definidos, nem mesmo pontualmente ou de modo evanescente. Trata-se, como vimos, de um gozo opaco, gozo Outro, que não tem sentido, nem rima, nem razão – e o comparamos a uma matéria líquida, a partir da analogia feita por Lacan: o espaço da clínica entre o gozo do corpo e a linguagem como o de um litoral.

Se nosso chão é a grade de leitura e experiência do mundo (e do Outro) da fantasia, nosso mar é o gozo que não cabe nessa grade, não é por ela apreendido. Para essa parte mais litoral da clínica, a ideia de uma análise vai menos no caminho do atravessamento da fantasia e mais na direção de um *fazer com*, tal como Lacan propõe no Seminário 23. “Fazer com” é dar destino, dar lugar: mesmo sem circunscrever o gozo tal como faz a fantasia, *fazer com* inclui algum tipo de apreensão do gozo.

Mas como colher a água em uma rede? Como criar um copo de mar? Fazendo uso de alguma coisa que é aproximada por Lacan como *letra*. É o traçado de trilhamentos - no sentido de nosso último encontro. É sulco por onde corre a chuva do gozo. Com esses trilhamentos se pode agenciar, montar. Mas não se pode contabilizá-los, pois, apesar de finito, funciona de maneira ilimitada - nunca podemos ter certeza de quantos temos. O gozo passa por ali: pelos sulcos da planície e por sua montagem em algum tipo de funcionamento de faixa litoral entre gozo e significante.

Lacan, no *Seminário 23*, retoma a noção do sintoma para inserir, em seu núcleo, esse sistema literal. Vai buscar na etimologia francesa, uma letra: *h*. Esta, que não se apresenta no sonoro da pronúncia – apenas na grafia. Ao mesmo tempo em que pode ser lida a partir de uma história etimológica, quando se apresenta não tem razão e nem sentido para estar ali.

Esse *h* está guardando justamente esse núcleo de gozo. Já não é mais objeto, já não é mais água em qualquer lugar. Nem mesmo traço consistente é, uma vez que

nem se ouve na pronúncia, mas apenas quando se escreve e, quando é escrito, nada parece querer dizer. Como as pixações no alto dos nossos prédios urbanos, não se sabe se é só rabisco ou mensagem. Mas está ali.

Numa análise, como temos acesso a esse *h*, como mexemos com ele?

Partimos, habitualmente, nas análises “clássicas”, do sintoma como depuração: vamos tirando, esvaziando, limpando, e terminamos por pressentir o gozo como singular e deslocalizado. Chega-se a esse gozo sem lugar. Esse caminho, essa vertente da depuração, dá a ideia de um ponto, um marco zero - um gozo do sintoma que não é nada. A partir daí, “fazer com” pode parecer fazer com a fantasia que agora é um tanto desacreditada, mas há que se fazer também com esse gozo, sem que seja unicamente pela fantasia. Porém, se ele não tem essência alguma, se nem mesmo se repete - só itera -, como?

Ora, ele é sem rima nem razão, mas não é sem relação com a linguagem, pois ele é planície sulcada. Faz parte de um sistema de traços e água - que a letra *h* sustenta, na brincadeira de Lacan.

A ideia da iteração que Miller<sup>2</sup> traz é justamente para afirmar tanto que essa coisa vai estar sempre ali quanto que ela não tem nem forma e nem caráter, sem, no entanto, deixar de ser parte da linguagem. Em todo sintoma que se tem, esse *h* vai se apresentar. Por mais possamos usá-lo como letra, ele não é ensinado. Ele mesmo não é nada: ele só é o que ele é. Essa é a ideia da iteração.

Esse gozo da iteração trata-se de uma perturbação, uma insistência constante da vida, que não tem um lugar definido e que vai aparecer, então, na contingência dos sons e marcações das interações com o Outro. A iteração não faz parte da interação, mas só se apresenta nela.

A cilada é pensar que no final chega-se em uma espécie de silêncio, de real profundo - a terra prometida da singularidade do sintoma, que ninguém sabe dizer o que é. Há o perigo de uma deriva metafísica. É um pouco de cunho místico: a *mistagogia* do não saber, como a isso se refere Lacan<sup>3</sup>.

A proposta de Lacan no Seminário 23 é outra. Ele propõe que, com isso que restou da depuração, com essas letras, arme-se alguma coisa que permita o *fazer com* a contingência. Amarra-se. Isso é o que se pretende no trabalho com as psicoses, mas também no final de uma análise, quando não estamos mais acreditando no sentido último do sintoma. Neste ponto, tem-se um monte de materiais, e o *fazer com*, muitas vezes, é montar alguma coisa temporária com esses materiais, com esses traços. Essa é a ideia da *bricolagem*.

Uma análise é orientada, portanto, para a construção de um sinthoma no sentido de tecer um sintoma, fazer a trança dessas letras que sustentam uma vida. Ela

permite que se esteja à altura do acontecimento desse gozo. E, por fim, orienta-se também em direção ao encontro, na vida de todo dia, com alguma coisa feita de um material que produz surpresa e que dá a sensação de que, às vezes, a vida que se tem cabe na vida que se leva.

---

<sup>1</sup> Cf. Lacan, 1964/1988, p. 31.

<sup>2</sup> Miller, J-A. (1998). *O osso de uma análise*, Zahar, 2015, p.19.

<sup>3</sup> Lacan, J. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 120.